

O FUNCIONAMENTO DE MARCADORES DISCURSIVOS NO PROCESSO DE ESTRUTURAÇÃO INTERNA DE SEGMENTOS TÓPICOS MÍNIMOS

Eduardo Penhavel
UFV

RESUMO: Neste trabalho, no âmbito da Gramática Textual-Interativa, Eduardo Penhavel discute o processo de estruturação interna de segmentos tópicos mínimos e procura mostrar como os marcadores discursivos atuam nesse processo. O autor formula o conceito de domínio de estruturação intratópica e defende que é em relação a este tipo de unidade que os marcadores discursivos atuam.

ABSTRACT: In this paper, Eduardo Penhavel, from the perspective of Textual-Interactive Grammar, discusses the process of internal organization of minimal topic segments. The author seeks to show how discourse markers act in that process. A new concept is proposed, that of intra-topic organization domain and it is argued that discourse markers are employed in relation to this type of unit.

1 Considerações iniciais

Na Gramática Textual-interativa (GTI), considera-se que uma das funções dos chamados “marcadores discursivos” (MDs) consiste em marcar relações de sentido entre as partes e entre as subpartes das unidades textuais denominadas de “segmentos tópicos mínimos”. No entanto, a GTI ainda não dispõe de um conjunto significativo de análises sistemáticas do processo de estruturação interna de segmentos tópicos mínimos em (sub)partes constituintes, o que, naturalmente, compromete a análise da atuação de MDs nesse processo, além de representar uma lacuna na descrição do processo geral de construção textual.

Nesse sentido, no presente trabalho, selecionamos um gênero textual particular, a saber, o gênero Relato de Opinião (GONÇALVES, 2007), discutimos o processo de estruturação interna de segmentos tópicos

mínimos e procuramos mostrar como os MDs atuam nesse processo. Especificamente, nosso objetivo é formular a noção de domínio de estruturação interna de segmentos tópicos mínimos, ou *domínio de estruturação intratópica*, e demonstrar, então, que é em relação a domínios que os MDs atuam.

Para dar conta desse objetivo, o trabalho encontra-se organizado da seguinte forma: na seção 2, apresentamos uma síntese da GTI, focalizando a noção de segmento tópico mínimo e o conceito de MDs; na seção 3, apresentamos uma análise da estruturação de segmentos tópicos mínimos no gênero Relato de Opinião, formulamos o conceito de domínio de estruturação intratópica e mostramos o vínculo dos MDs a este tipo de unidade; na seção 4, analisamos um aspecto específico do funcionamento de MDs utilizando a noção de domínio, para evidenciar a atuação dos MDs em relação a domínios, bem como a eficácia dessa noção na análise de MDs; finalmente, na seção 5, apresentamos as considerações finais.

2 A Gramática Textual-interativa

A GTI (JUBRAN & KOCH, 2006; JUBRAN, 2007) constitui uma vertente da Linguística Textual (KOCH, 2004), sendo, assim, uma abordagem que assume o texto como objeto de estudo. A GTI fundamenta-se em uma série de conceitos e princípios teórico-metodológicos, dentre os quais se destacam a concepção de linguagem como interação social, o princípio de que os fenômenos textuais têm suas propriedades e funções definidas nas situações concretas de interlocução, envolvendo as circunstâncias enunciativas, e o princípio de que os fatores interacionais não constituem apenas uma moldura dentro da qual se processam os fenômenos linguístico-textuais, isto é, não são externos ao texto e apenas ligados a ele, mas são fatores constitutivos do texto e inerentes à expressão linguística (JUBRAN, 2007).

A GTI estuda, particularmente, os chamados “processos de construção do texto” (ou “processos constitutivos do texto”), que são os seguintes: Topicalidade, Referenciação, Parentetização, Parafraseamento, Repetição e Correção. O estudo desses processos inclui a investigação do conjunto das expressões linguísticas que os gerenciam, as quais constituem, então, os chamados MDs. O processo de estruturação interna de segmentos tópicos mínimos, abordado neste trabalho, constitui uma parte do processo de Topicalidade.

O processo de Topicalidade (ou processo de Organização Tópica) consiste na organização do texto mediante a construção e articulação linear e hierárquica de grupos de enunciados formulados pelos interlocutores a

respeito de conjuntos de referentes concernentes entre si e em relevância em determinados pontos do texto (cf.: JUBRAN *et al.*, 2002; JUBRAN, 2006).

A título de ilustração, considere-se uma situação de interação verbal hipotética em que um casal conversa sobre os filhos A, B e C. No decorrer do texto, falam, em sequência, por exemplo, sobre (i) Os problemas de A na faculdade, (ii) Os problemas de A no trabalho, (iii) O carro novo de B, (iv) O casamento de C, (v) O novo emprego de B e (vi) A viagem de C. Cada um desses tópicos representa a centração dos falantes em um grupo de enunciados concernentes entre si e em relevância em certo ponto do texto, o que caracteriza a propriedade de *centração tópica*, uma das propriedades particularizadoras do processo de Topicalidade.

Observe-se, ainda, que esses agrupamentos de enunciados estão sequencialmente relacionados entre si, havendo entre eles mecanismos de transição, de marcação de relações semântico-discursivas etc. Além disso, há entres eles uma relação hierárquica. O primeiro e o segundo agrupamentos podem ser entendidos como compondo um agrupamento mais amplo, centrado na ideia “Problemas de A”; o terceiro e o quinto agrupamentos podem ser reunidos num conjunto maior (descontínuo) intitulado “Novidades de B”; o quarto conjunto e o sexto poderiam ser vistos como partes de um conjunto mais abrangente (também descontínuo) intitulado “Ocupações com C”. E, similarmente, esses três agrupamentos mais amplos equivaleriam a partes de um tópico global, que poderia ser chamado de “Ocupações com os filhos”. Ou seja, o processamento do texto pelos falantes compreende o estabelecimento de relações sequenciais e hierárquicas entre grupos de enunciados. Essas relações caracterizam a propriedade de *organicidade tópica*, também particularizadora da Topicalidade.

A Figura 1 abaixo ilustra as relações de organização tópica na situação hipotética em pauta.

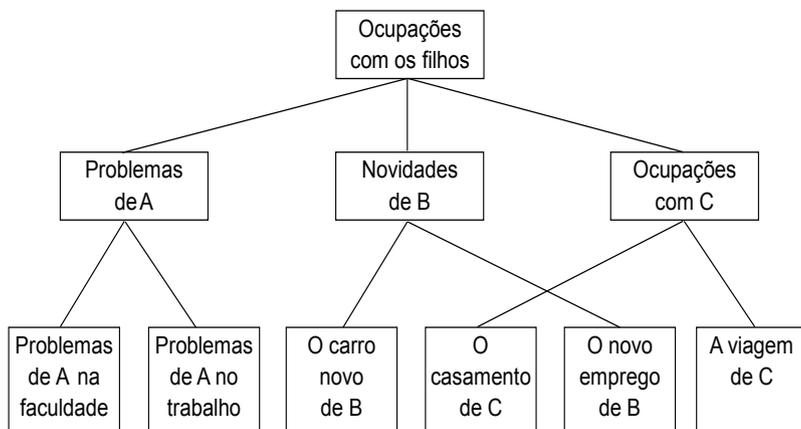


Figura 1: Exemplo hipotético de relações de organização tópica

O processo de Topicalidade, então, envolve essa formulação de grupos e subgrupos de enunciados concernentes entre si e em relevância em certos pontos do texto e o estabelecimento simultâneo de relações sequenciais e hierárquicas entre esses (sub)grupos de enunciados.

No âmbito desse processo, os grupos e subgrupos de enunciados formulados pelos interlocutores constituem as unidades chamadas de “segmentos tópicos” (SegTs). No exemplo hipotético representado na Figura 1 acima, os trechos do texto correspondentes a cada um dos tópicos distinguidos nas caixas da Figura constituem SegTs; por exemplo, o segmento do texto correspondente ao tópico “Problemas de A na faculdade” constitui um SegT, o trecho mais amplo correspondente ao tópico “Problemas de A” constitui outro SegT, o trecho (descontínuo) correspondente ao tópico “Novidades de B” também constitui um SegT e assim por diante. Os menores SegTs do texto, isto é, os menores conjuntos de enunciados capazes de comportar a propriedade de *centração*, constituem, então, os chamados “SegTs mínimos”, que são as unidades aqui analisadas. No exemplo representado na Figura 1, os SegTs mínimos seriam os SegTs correspondentes aos seis tópicos encadeados no nível mais baixo da representação.

Como mencionado acima, a GTI ainda não dispõe de uma quantidade significativa de análises sistemáticas sobre o processo de estruturação interna de SegTs mínimos em partes e subpartes. Pode-se considerar que se trata de uma situação diferente do que ocorre no caso da articulação tópica no nível acima do SegT mínimo, sobre a qual a GTI

já apresenta caracterização bastante específica e, inclusive, metodologia bem definida, baseada principalmente nos critérios de *centração* e *organicidade* tópicas. Esses dois critérios permitem analisar, com grau satisfatório de precisão, a organização tópica de textos e sistematizá-la conforme exemplificado na Figura 1.

No âmbito da articulação tópica que se processa nos níveis superiores ao do SegT mínimo (ou articulação externa aos SegTs mínimos), são reconhecidas as noções de “Supertópico” (ST), “Subtópico” (SbT) e “Quadro Tópico” (QT) (cf.: JUBRAN *et al.*, 2002; JUBRAN, 2006). Na Figura 1, o tópico “Ocupações com os filhos” pode ser considerado como um ST que abarcaria três SbTs: “Problemas de A”, “Novidades de B” e “Ocupações com C”. Já em um nível mais baixo de organização, o tópico “Problemas de A”, por sua vez, pode ser considerado ST, e os tópicos “Problemas de A na faculdade” e “Problemas de A no trabalho” seriam seus SbTs e assim por diante. O conjunto formado por um ST qualquer e todos seus respectivos SbTs constitui um QT, isto é, uma unidade que inclui as relações entre um ST e seus SbTs e entre os próprios SbTs. Assim, os critérios de *centração* e de *organicidade* e as noções de ST, SbT e QT permitem identificar, no plano da articulação hierarquicamente superior aos SegTs mínimos, unidades e subunidades de organização tópica em relação às quais é possível analisar fenômenos como o estabelecimento de relações de sentido e o uso de MDs, dentre outros. Olhando para a Figura 1, pode-se ver claramente que poderia haver um MD introduzindo, por exemplo, o tópico “Novidades de B”, o tópico “A viagem de C” etc. Ou seja, acima do SegT mínimo, há parâmetros estabelecidos para análise de MDs e de vários outros fenômenos textual-interativos.

No entanto, essa é uma situação que não se verifica no nível da organização interna dos SegTs mínimos, e é esta a questão que abordamos no presente trabalho, tendo em vista especificamente a análise de MDs. Ou seja, nosso objetivo é analisar como se dá a organização interna de SegTs mínimos em unidades e subunidades constituintes e, assim, identificar parâmetros ou níveis de análise em relação aos quais se possa analisar a atuação de MDs.

Na GTI, como mencionado, os MDs são concebidos como expressões linguísticas que gerenciam os processos de construção textual. Eles são definidos como uma classe gradiente, que apresenta membros prototípicos e não-prototípicos. MDs prototípicos são definidos como expressões que manifestam os traços linguísticos sintetizados em (1) abaixo, e MDs não-prototípicos são tomados como as expressões que manifestam esse conjunto de traços com desvio, normalmente, em até dois traços no máximo (cf.: RISSO, SILVA & URBANO, 2006).

- (1)
 - a. ter função de sequenciação tópica e orientação secundária ou frágil da interação; ou função de orientação forte da interação e ausência de função de sequenciação;
 - b. ser sintaticamente independente;
 - c. ser exterior ao conteúdo proposicional;
 - d. não apresentar autonomia comunicativa;
 - e. apresentar pauta prosódica demarcativa;
 - f. apresentar alta frequência;
 - g. manifestar transparência semântica parcial;
 - h. conter até três sílabas tônicas.

São distinguidos dois tipos principais de MDs, os basicamente sequenciadores e os basicamente interacionais. O primeiro tipo engloba MDs que exercem a função de sequenciação tópica, isto é, a função de articular segmentos textuais de estatuto tópico, marcando relações de sentido entre eles. Essa classe abrange expressões de natureza conectiva, como “agora”, “além disso”, “e”, “enfim”, “então”, “mas”, “por outro lado”, “porque”, “portanto” etc. Já os MDs basicamente interacionais incluem MDs com a função de serem basicamente orientadores da interação, isto é, MDs com a função primordial de gerenciar o envolvimento dos falantes com o ato de interação verbal, abarcando elementos como “né?”, “sabe?”, “tá certo?”, “ahn ahn”, “certo”, “olha”, “veja bem”, “bem”, “bom” etc. Neste trabalho, ao analisar o uso de MDs na articulação interna de SegTs mínimos, procuramos oferecer uma contribuição particular para o estudo dos MDs basicamente sequenciadores.

Na próxima seção, discutimos, então, como se dá o processo de estruturação interna de SegTs mínimos, no caso particular do gênero Relato de Opinião, e verificamos como os MDs atuam nesse processo.

3 Marcadores discursivos e domínio de estruturação intratópica

Em trabalho anterior (PENHAVEL, 2010), demonstramos que, no gênero Relato de Opinião, os SegTs mínimos são estruturados com base em uma variação entre grupos de enunciados que constroem referências centrais e grupos de enunciados que constroem referências subsidiárias em relação à ideia nuclear do SegT. Em outras palavras, o processo de estruturação interna de SegTs, naquele gênero, é norteado pela relação (ou princípio) *central-subsidiário*. No referido trabalho, também denominamos os grupos centrais de enunciados de *posição* e os grupos subsidiários, de *suporte*. Assim, dizemos também que, no gênero em foco, a estruturação do SegT mínimo está fundamentada na relação (ou princípio) *posição-suporte*.

O SegT mínimo em (2) abaixo ilustra esse esquema de organização tópica.¹

(2)	então eu acho que <u>nossa cidade é uma das cidades boa</u> né	1
	porque nossa população é grande... e ainda tem os de fora também que (estuda	2
	aqui né... porque cê vê (doc.: sei) quantos e quantos que vem de LONGE... cê	3
	vai no Hospital de Base lá cê fala –“ não eu num tô ”... de tanta ambulância que	4
	você vê de cidades de fora né...	5
	então eu acho que <u>nossa cidade é uma cidade boa</u> né...	6
	contentar todo mundo eu acho que o prefeito num vai contentar mesmo (doc.:	7
	num tem como nê)... num tem como... ninguém vai contentar né...	8
	mas eu acho <u>uma cidade muito boa</u> e gosto daqui...	9
	inclusive num tenho vontade de mudar daqui não (doc.:é isso é verdade) vou	10
	morrer aqui mesmo tá(inint.)(AC-132; RO: L.411-419)	11

Tendo em vista a propriedade da centração tópica, o tópico do SegT em (2) pode ser sintetizado como *Nossa cidade é uma cidade boa*. Observe-se que os enunciados nas linhas 1, 6 e 9 expressam esse tópico de forma direta. Já os grupos de enunciados nas linhas 2-5, 7-8 e 10-11 abordam, cada um de uma forma particular, três ideias específicas que desenvolvem o tópico central *Nossa cidade é uma cidade boa*. Nas linhas 2-5, os enunciados veiculam a ideia de que a cidade é boa porque a população é grande e porque recebe, ainda, pessoas de outras cidades. Nas linhas 7-8, os enunciados são formulados a respeito do prefeito; afirma-se que a cidade é boa apesar de nem todos estarem contentes com o prefeito, uma vez que seria normal nem todos estarem contentes com ele. Finalmente, nas linhas 10-11, os enunciados desenvolvem a ideia de que a interlocutora planeja não se mudar da cidade, o que seria apresentado como evidência da qualidade da cidade.

Assim, pode-se ver aí uma alternância entre grupos de enunciados que constroem referências centrais e grupos que constroem referências subsidiárias relativamente ao tópico do SegT. É esse tipo de alternância que constitui a relação *central-subsidiário*, ou *posição-suporte*. Nesse sentido, os enunciados nas linhas 1, 6 e 9 constituem três unidades de *posição*. São grupos de enunciados que sintetizam o tópico do SegT, que o expressam mais diretamente, que estabelecem mais explicitamente o

tópico. Já os demais grupos de enunciados constituem três *suportes*, isto é, grupos de enunciados que desenvolvem aspectos mais específicos do tópico.²

Conforme defendemos no trabalho mencionado acima (PENHA-VEL, 2010) com base em evidências quantitativas e qualitativas, a relação posição-suporte pode ser vista como uma regra altamente generalizada de estruturação interna de SegTs mínimos no gênero Relato de Opinião. O SegT mínimo em (3) também ilustra o esquema de organização posição-suporte.

- | | | |
|-----|---|---|
| (3) | infelizmente... nesses últimos anos... éh:: e eu acho que sempre na história... <u>o:: povo</u> | 1 |
| | <u>não tem votado direito... e::... o país os municípios os estados... não têm sido bem</u> | 2 |
| | <u>sucedido em:: algumas eleições...</u> | 3 |
| | vide:: <u>a eleição do... Fernando Collor...</u> onde ele ((ininteligível)) tanto e depois | 4 |
| | foi... ele que deu... ele/ <u>o povo brasileiro</u> naquela... esperança da salvação que <u>o</u> | 5 |
| | <u>povo</u> vive até hoje... <u>o povo votou</u> em massa... no:./ no presidente Fernando | 6 |
| | Collor... e depois... tudo aquilo aconteceu que é conhecido do país todo... (AC- | 7 |
| | 113; RO: L.218-224) | |

De acordo com a propriedade de centração, o tópico desse segmento pode ser expresso como *Insucesso nas eleições no Brasil nos últimos anos*. Nas linhas 1-3, que constituem uma unidade de posição, o falante se refere a esse tópico em termos mais gerais, como se pode ver nos enunciados *o:: povo não tem votado direito* e *o país os municípios os estados... não têm sido bem sucedido em:: algumas eleições*. Como mencionado acima, trata-se de um momento em que os enunciados estão voltados para definir, estabelecer, determinar de forma mais direta o tópico do segmento. Na sequência, nas linhas 4-7, que formam uma unidade de suporte, o falante continua o discurso falando sobre *a eleição do Fernando Collor*, uma forma mais específica de desenvolver o tópico em pauta. Ou seja, há uma relação entre *eleições*, como referência geral, e *eleição do Fernando Collor*, como referência específica. Nesse sentido, a relação central-subsidiário pode ser vista também como uma relação do tipo *geral-específico*.

Ainda conforme demonstramos naquele trabalho, a relação posição-suporte é uma relação potencialmente recursiva, no sentido de que grupos de enunciados que funcionam como posição ou suporte podem também ser estruturados internamente com base nessa mesma relação. Isso pode ser visto no SegT em (4a).

(4a)	bom e isso é uma parte d/da adolescência mas é claro que <u>a gente não tem... só isso</u>	1
	claro que <u>tem aquelas pessoas que sabem aproveitar</u> (sabe) aquelas pessoas que tão	2
	sempre contando... com a mãe... com o pai com a família... que é/ com o namorado claro	3
	mas o namorado também eu acho que (não) tem que ser tudo na vida a gente tem que...	4
	saber ter amigos <u>saber aproveitar</u> ...	5
	<u>ir numa balada não precisa beber tudo o que tem na balada...</u> bebe o:: tem/o::	6
	tanto que você acha que você vai agüentar... o tanto que você acha que vai ser	7
	legal pra VOcê se divertir não pra você passar mal... porque <u>o bom de uma</u>	8
	<u>balada</u> não é você beber e depois sair vomitando e ficar... né todo mundo lá te	9
	olhando feio tal... (inint.) o legal é você beber pra ficar alegre... pra brincar não	10
	pra ficar estúpido com ninguém e tal... (AC-022; RO: L.562-572)	11

Considerando que o tópico em (4a) seja *Saber aproveitar a adolescência*, pode-se analisar o trecho nas linhas 1-5 como posição, onde há referências mais diretas a essa ideia nuclear (como nos enunciados sublinhados), e o trecho nas linhas 6-11, como suporte, cuja ideia poderia ser sintetizada como *Beber moderadamente em uma balada* (vejam-se os enunciados sublinhados nesse trecho), o que seria uma forma particular de desenvolver o tópico *Saber aproveitar a adolescência*.

O suporte, por sua vez, pode ser também interpretado em duas partes. Os enunciados nas linhas 6-8 (até a barra) fazem referência mais direta à ideia *Beber moderadamente em uma balada* (observe-se, principalmente, o enunciado sublinhado na linha 6). Já os enunciados nas linhas 8-11 (a partir da barra) abordam essa ideia mais especificamente, desenvolvendo-a por meio de referências que podem ser sintetizadas como *O bom de uma balada não é beber exageradamente* (o que é evidenciado, sobretudo, pelo trecho sublinhado nas linhas 8-9). Nesse caso, a ideia veiculada nas linhas 8-11 (a partir da barra) parece funcionar como argumento para sustentar a ideia nuclear referida nas linhas 6-8 (até a barra).

Nesse sentido, o SegT em (4a) poderia ser analisado como em (4b).

(4b)	bom e isso é uma parte d/da adolescência mas é claro que <u>a gente não tem... só isso</u>	1
	claro que <u>tem aquelas pessoas que sabem aproveitar</u> (sabe) aquelas pessoas que tão	2
	sempre contando... com a mãe... com o pai com a família... que é/ com o namorado claro	3
	mas o namorado também eu acho que (não) tem que ser tudo na vida a gente tem que...	4
	saber ter amigos <u>saber aproveitar</u> ...	5
	<u>ir numa balada não precisa beber tudo o que tem na balada...</u> bebe o:: tem/o::	6
	tanto que você acha que você vai agüentar... o tanto que você acha que vai ser	7
	legal pra VOCê se divertir não pra você passar mal...	8
	porque <u>o bom de uma balada</u> não é você beber e depois sair vomitando e	9
	ficar... né todo mundo lá te olhando feio tal... (inint.) o legal é você beber	10
	pra ficar alegre... pra brincar não pra ficar estúpido com ninguém e tal...	11

De acordo com essa análise, no âmbito do SegT inteiro, o trecho nas linhas 1-5 é identificado como posição, e o trecho nas linhas 6-11, como suporte, enquanto, no âmbito do segmento nas linhas 6-11, as linhas 6-8 são identificadas como posição e as linhas 9-11, como suporte.

O SegT em (5) também ilustra o processo verificado em (4a-b). Tanto a estruturação do SegT inteiro quanto a de uma de suas partes estão baseadas na relação central-subsidiário.

(5)	então é tudo... então eu acho assim que é uma <u>cidade tranqüila sossega::da</u> ...	1
	cê vê eu moro num <u>lugar tão sossegado</u> ...	2
	cê vê ó... minha casa... cê viu né... que eu moro nesses três cômodo... mas	3
	lá fora eu cozinho eu lavo eu passo eu cozinho... deixo tudo lá fora...	4
	<u>nunca ninguém mexeu nada</u> ...	5
	então <u>Rio Preto</u> tá crescendo? tá crescendo... é perigoso? é perigoso... mas prá nós por	6
	enquanto ta <u>tudo sossegadinho</u> ainda né... <u>num tem tanto perigo</u> ... <u>num tem na::da</u> né...	7

(AC-132; RO: L.401-407)

Considere-se que o tópico do SegT em (5) seja *A cidade é tranqüila/sossegada*. No âmbito do SegT como um todo, as linhas 1 e 6-7 podem ser analisadas como posição, e as linhas 2-5, como suporte. Nesse SegT, a interlocutora inicia o tópico afirmando, em termos mais gerais, que *a cidade é tranqüila/sossegada* (linha 1), continua esse tópico dizendo, mais especificamente, que *o lugar onde mora é tranqüilo/sossegado* (li-

nhas 2-5) e o finaliza retomando afirmações mais gerais de que *a cidade* é tranquila/sossegada (linhas 6-7). Similarmente, o suporte está estruturado com base na relação posição-suporte. As referências nesse trecho (linhas 2-5) veiculam a ideia nuclear *O lugar onde moro é sossegado*. A linha 2 apresenta uma referência mais geral em relação ao restante do trecho e que sintetiza essa ideia. As linhas 3-5, então, abordam tal ideia por meio de referências mais específicas, que podem ser resumidas como *Nunca ninguém mexeu na casa*. Assim, no âmbito das linhas 2-5, a linha 2 pode ser analisada como posição, e as linhas 3-5, como suporte.

Essa aplicação recursiva da relação central-subsidiário cria, no decorrer da construção do SegT, diferentes níveis de estruturação tópica, e esses níveis, então, instauram o que propomos aqui como *domínios de estruturação intratópica*. Trata-se de unidades particulares no interior do SegT mínimo dentro das quais se mantêm relações de construção tópica – no caso específico do gênero Relato de Opinião, relações do tipo posição-suporte. Em outras palavras, trata-se de diferentes níveis de organização tópica dentro do SegT mínimo.

No caso do gênero em foco, pode-se definir *domínio de estruturação intratópica* da seguinte forma: unidade formada por uma posição e seus respectivos suportes. Observe-se que, naturalmente, o SegT como um todo constitui, ele próprio, um domínio, uma vez que sua estruturação é fundamentada na relação posição-suporte; a partir daí, a cada vez que essa relação é reaplicada, recursivamente, instaura-se um novo domínio. Em (5), podem ser reconhecidos dois domínios: domínio 1 (linhas 1-7), correspondente ao próprio SegT inteiro, estruturado conforme a combinação posição(1)-suporte(2-5)-posição(6-7); domínio 2 (linhas 2-5), que manifesta a combinação posição(2)-suporte(3-5). Pode-se dizer que um domínio constitui um momento particular de organização tópica no decorrer do SegT, o que pode ser claramente visto em (5), em que os dois domínios efetivam diferentes combinações das unidades de posição e suporte (o domínio 1 organiza-se em posição-suporte-posição, e o domínio 2 manifesta a combinação posição-suporte).

A apreensão (tanto pelos falantes quanto pelo analista) da estruturação do SegT em domínios é importante uma vez que é no âmbito de um domínio, e não no âmbito do SegT todo propriamente, que grupos de enunciados assumem um estatuto tópico. Em (5), por exemplo, o trecho nas linhas 3-5 assume estatuto tópico de suporte dentro do trecho nas linhas 2-5, não no âmbito do SegT inteiro; ou seja, o trecho nas linhas 3-5 não constitui exatamente uma parte do SegT, mas é uma parte do trecho nas linhas 2-5 – este trecho sim, nas linhas 2-5, é que constitui uma parte do SegT, no caso, um suporte.

Em outras palavras, pode-se dizer que a construção de SegTs mínimos compreende a construção de domínios de estruturação intratópica. A construção do SegT mínimo não envolve, necessariamente, apenas um nível de articulação tópica, mas pode incluir diferentes níveis hierarquicamente organizados entre si, que constituem os diferentes domínios.

A partir do momento em que o SegT mínimo é segmentado em unidades de posição e suporte e estas são organizadas em domínios, passa-se a ter, no interior do SegT mínimo, parâmetros mais específicos para a análise do próprio processo de estruturação tópica e para a análise de outros fenômenos relacionados a esse processo. A nosso ver, é aí que reside a relevância da noção de domínio.

Nesse sentido, o ponto central que queremos focalizar neste trabalho é, então, o de que, quando um MD opera na estruturação interna de SegTs mínimos, sua atuação circunscreve-se a um domínio, isto é, ela não está vinculada diretamente à estruturação global do SegT, mas à de um domínio particular. Em outros termos, no plano da estruturação interna de SegTs mínimos, MDs atuam em relação a domínios de estruturação intratópica.

Considere-se o exemplo em (6a) abaixo.

(6a)	a adolescência... <u>a adolescência é você curtir você aproveitar</u> C	1
	(por) <u>que isso vai ser único na sua vida</u> você:: daqui a pouco você vai <u>ter dezoito</u>	2
	<u>anos</u> ... você não vai ser mais um adolescente... você vai <u>ser uma pessoa de</u>	3
	<u>responsabilidade</u> ...	4
	<u>ai</u> ... acontece o que muitas pessoas fazem... <u>não aproveitam na adolescência</u>	5
	<u>quando chega nos dezoito anos quer aproveitar tudo o que não aproveitou</u>	6
	então vira aqueles... v/vamos dizer... não É um adolescente mas vira aquela	7
	aquela peSSOA... irresponsável... um:: cara uma e até uma menina também	8
	lógico... de dezoito anos... sai bebe TODas bate o carro do PAI... não trabalha...	9
	só vive a custa do dinheiro do pai... vira uma pessoa irresponsável...	10
	<u>agora</u> eu acho que se você tiver uma adolescência bacana aproveitar tudo na	11
	hora CERTa... quando você tiver dezoito anos... você vai <u>aproveitar... o que a</u>	12
	<u>idade dos dezoito anos te proporciona</u> ... te proporciona o que... aprender um	13
	serviço bom	14
	<u>porque com dezoito anos</u> você já pode entrar numa firma boa você já é	15
	capaz de ter uma firma boa... <u>você é capaz de ter TUas responsabilidades</u>	16
	NÃO de ficar naquela vida de dezesseis de quinze... brincando com amigo...	17
	tirando racha de carro sabe essas coisas que é... sabe... irresponsabilidade	18
	mesmo... ai depois já tem os teus vinte teus pouco e fica ai... um um:: de vinte	19
	anos bobão... uma criançona entendeu	20
	<u>então</u> acho que <u>a adolescência a gente tem que aproveitar</u> ... <u>no tempo certo</u> porque	21
	nunca mais ela volta... porque se você não aproveitar né se você não aproveita <u>no</u>	22
	<u>tempo certo</u> quando tiver mais velha você vai querer aproveitar mas... não vai dar	23
	muito certo... (AC-022; RO: L.587-608)	24

Nesse exemplo, podem ser distinguidos dois domínios. Primeiramente, em relação à ideia nuclear do SegT todo, *Aproveitar a adolescência no tempo certo*, as linhas 1-4 e 21-24 constituem posições, e as linhas 5-10 e 11-20 constituem suportes, cujas ideias podem ser sintetizadas, respectivamente, como *Aproveitar aos 18 anos o que não se aproveitou na adolescência* e *Aproveitar o que a idade de 18 anos proporciona*; as linhas 1-24 constituem, pois, um primeiro domínio. No âmbito do suporte nas linhas 11-20, as linhas 11-14 constituem posição, expressando mais diretamente a ideia nuclear do trecho total nas linhas 11-20, e as linhas 15-20 constituem suporte, o qual apresenta a ideia mais específica *Aos 18 anos a pessoa é capaz de ter suas responsabilidades*; assim, o segmento nas linhas 11-20 representa um segundo domínio. Para efeito de clareza, esses domínios e essas relações tópicas são sintetizados abaixo em (6b).

(6b)

Domínio 1: linhas 1-24: *Aproveitar a adolescência no tempo certo*

Posição: linhas 1-4: *Aproveitar a adolescência no tempo certo*

Suporte: linhas 5-10: *Aproveitar aos 18 anos o que não se aproveitou na adolescência*

Suporte: linhas 11-20: *Aproveitar o que a idade de 18 anos proporciona*

Posição: linhas 21-24: *Aproveitar a adolescência no tempo certo*

Domínio 2: linhas 11-20: *Aproveitar o que a idade de 18 anos proporciona*

Posição: linhas 11-14: *Aproveitar o que a idade de 18 anos proporciona*

Suporte: linhas 15-20: *Aos 18 anos a pessoa é capaz de ter suas responsabilidades*

No contexto dessas relações tópicas, observe-se que o MD *porque* (na linha 15) introduz um segmento que constitui suporte relativamente ao trecho anterior nas linhas 11-14, não introduzindo, pois, um segmento correspondente a uma parte na estruturação global do SegT. O que constitui uma parte do SegT é o segmento conjunto nas linhas 11-20, o qual, por sua vez, é introduzido pelo MD *agora*. Ou seja, o âmbito de atuação de *porque* circunscreve-se ao segmento nas linhas 11-20; a nosso ver, é nesse trecho do SegT que é processada a relação de sentido marcada por esse MD. Já no caso do MD *agora*, pode-se considerar que o âmbito de atuação seja o SegT todo, assim como no caso dos MDs *ai* (na linha 5) e *então* (na linha 21), uma vez que tais MDs introduzem unidades de posição e suporte nesse nível de organização tópica. É, pois, nesse sentido que dizemos que os MDs atuam em relação a domínios de estruturação intratópica.

A noção de domínio é especialmente interessante no estudo dos MDs, porque muitos aspectos do funcionamento de um MD dependem do domínio a que ele pertence, conforme discutimos na seção seguinte, especificamente, em relação a padrões de uso de MDs.

Admitindo, assim, o vínculo dos MDs à organização de domínios, é preciso, ainda, definir o domínio exato de atuação de uma ocorrência particular de um MD. Ou seja, como um SegT pode compreender mais de um domínio (como visto acima), trata-se de identificar qual desses é o domínio em que um MD atua e, portanto, no qual deve ser analisado. Nesse sentido, o domínio de atuação de um MD pode ser entendido da seguinte forma: domínio em relação ao qual o segmento introduzido pelo MD constitui posição ou suporte.

Observe-se novamente o SegT em (6a). Pode-se notar que os MDs *aí* e *então* atuam na estruturação do domínio 1 (linhas 1-24), já que introduzem, respectivamente, um suporte e uma posição no âmbito desse domínio. O MD *porque* atua na estruturação do domínio 2 (linhas 11-20), uma vez que o segmento que introduz constitui suporte em relação a esse segundo domínio. Já o MD *agora* pode ser considerado como atuando, ao mesmo tempo, em ambos os domínios: em primeiro lugar, deve-se considerar que esse MD introduz o segmento todo nas linhas 11-20, que assume o papel de suporte no âmbito do domínio 1; simultaneamente, esse MD introduz, mais localmente, o segmento nas linhas 11-14, que assume o papel de posição no âmbito do domínio 2 – na próxima seção, abordamos mais especificamente a atuação de um MD em dois domínios ao mesmo tempo.

Ressalte-se, para efeito de clareza, que o domínio de atuação de um MD deve ser entendido como o domínio *em relação ao qual* o segmento introduzido pelo MD constitui posição ou suporte, e não simplesmente o domínio *dentro do qual* tal segmento constitui posição ou suporte. Veja-se que, no exemplo em (6a), o segmento nas linhas 15-20 é um suporte materialmente dentro do domínio 1, mas seu estatuto como suporte verifica-se apenas no âmbito do segmento nas linhas 11-20, e é, pois, esse segmento (nas linhas 11-20) que pode ser entendido como seu domínio, bem como o domínio de atuação do MD *porque*.

4 Padrões de uso de marcadores discursivos

Nesta seção, apresentamos uma breve análise de um aspecto específico do funcionamento de MDs no processo de estruturação interna de SegTs mínimos, utilizando a noção de domínio de estruturação intratópica. Distinguimos padrões de uso de MDs particularmente no que diz respeito à *relevância* de MDs na estruturação de SegTs. Ou seja, trata-se de analisar seu uso no que se refere à seguinte questão: em que medida a estruturação interna dos SegTs depende do uso de MDs?; em outras palavras, quanto esse processo está ancorado no uso de MDs?

Nesse sentido, parece pertinente distinguir dois padrões básicos: P1 e P2. O padrão P1 compreende a situação em que todas as posições e todos os suportes de um dado domínio são introduzidos por um MD; ou seja, é o caso em que toda a estruturação de um domínio está ancorada no uso de MDs. É, pois, a situação de maior relevância do papel de MDs na estruturação intratópica. Isso pode ser verificado no exemplo em (7) abaixo.

(7)	e a gente vê assim que as crianças tão ficando muito com a... com a mentalidade... com a cabeça... com os pensamen/ com o lado psicológico muito afetado...	1 2
	tanto que a gente vê que os consultórios tão cheios né... de crianças com problemas... <i>que</i> aparentemente elas num teriam problema nenhum... num po/ num precisariam ter problema nenhum <i>que</i> :: até financeiramente... elas são bem tratadas elas se vestem muito bem... elas até comem bem... né... se calçam bem... né... tão na moda...vão e saem... mas tem problema psicológico porque há a falta desse pai e dessa mãe... que é uma necessidade que a criança tem... éh:: dela de ter a figura do homem e da mulher prá educar junto... junto educar a criança...éh...	3 4 5 6 7 8 9 10
	aí a gente vê né... filho... a aí começa mexer com droga... éh o problema do alcoolismo... né... a gente vê a FEBEM tão lotada de adolescentes... (AC-102; RO: L.365-376)	11 12

O SegT em (7) compreende um domínio estruturado em posição (linhas 1-2), suporte (linhas 3-10) e suporte (linhas 11-12). Observe-se que essas três partes são introduzidas por MDs, respectivamente, *e*, *tanto que* e *aí*. Trata-se, pois, de um domínio no qual o uso de MDs segue o padrão que estamos chamando aqui de P1.

Já o padrão P2 consiste no uso de MDs para a marcação parcial da estruturação de um domínio; ou seja, é a situação em que apenas algumas partes do domínio, mas não todas, são introduzidas por MDs. Esse padrão de uso varia desde casos com baixo grau de contribuição de MDs, em que poucas partes do domínio são marcadas, como em (8), até casos com maior grau de contribuição de MDs, em que quase todas são marcadas, como em (9).

- (8) tam-BÊM e por causa dessas pessoas tam(b)ém... que por exemplo a igreja católica ela tá muito:: vamo(s) dizê(r) VA-ZIA entre aspas... né? de caTÓlicos porque:... ah num exi/ num existe aquele católico que (pratica)

por exemplo o legioná:rio... [Doc.: uhm] ele é um católico pratican::te tal mas são po(u)cos legionários que exis::tem

minha mãe mesmo tava falan(d)o hoje... que tipo na igreja católica num existe mais aquele negócio de:... reuni(r) o povo pa fazê(r) estudá(r) sobre a Bí:blia mui::to difícil te(r)... esse negó/ é círculo bíblico no caso Doc.: po(u)quíssimos Inf.: é muito difícil tê(r) isso... e na igreja evangé::lica Jeová:: TODas têm... só a católica que tá sumin(d)o porquê? porque es::ses católicos que se DIZem católicos num vão na igreja trabalhá(r)...

nossa eu fico assim... muito chateado quando a gente vai fazê(r) recrutamento... e a pessoa inventa várias desculpas pa num í(r)... – “cê vai?” – elas – “ah:: num pos::so” –... – “ah mas tem tal horário” – – “ não:: mas eu num pos::so tal minha mãe num de::(i)xa” – né? então as pessoa/ [...] (AC-023; RO: L.565-578)

- (9) é ho/ hoje em dia eu acho que sim né [há jogadores que jogam apenas por dinheiro] porque antigamente não

e hoje em dia o o os time paga qualquer jogador aí que qualquer moleque aí que tá jogando bem Hoje... já:: já oferece dinhe::iro aí esse a pessoa já vai pra um clube o outro oferece MAIS

então é: o que vale ma/ o que vale hoje é o dinheiro né o que fala alto hoje é o dinheiro

mais... hoje num num vai muito mais pela... pela profissão pelo a:: o time que ele joga não se um jo/ se ele tá jogando num num num time e e o outro oferece mais ele:: num quer nem saber ele LARga e vai embora mesmo (AC-129; RO: L.277-283)

Observe-se que estamos distinguindo padrões de uso de MDs em relação aos domínios. Trata-se de um procedimento estratégico e eficaz, na medida em que permite identificar diferentes padrões de uso de MDs dentro de um mesmo SegT mínimo, tendo em vista que um SegT mínimo pode conter mais de um domínio. E, de fato, há SegTs que contém mais de um domínio, sendo empregados diferentes padrões de uso de MDs nesses diferentes domínios. O exemplo em (10) ilustra essa situação.

(10)	P1	<p>BOM num leva porque:: nunca/... eu já ouvi fa/ nego falan(d)o que tem 1 algumas pessoa que fala assim – “não pa usá(r) droga é bom” –... não é bom 2 não Doc.: num é? Inf.: imaginação deles... num é bom não... 3</p>
	P1 P2	<p>porque tem um colega meu que nunca usô(u) droga foi usá(r) droga 4 uma vez c’o nós lá nós teve de comprá(r) duas ca(i)xinha de leite pra 5 ele tomá(r) Doc.: POR QUÊ::? Inf.: porque o: leite ele corta todo o 6 feito da droga... [Doc.: ah éh::?] 7</p> <p>se a pessoa tivê(r) se pondo no caso você tem um filho que é 8 usuário se olhá(r) nele... se vê que tivê(r) c’o olho pequenininho 9 ou:: ou vermelho e tivê(r) desinquieto é porque ele num:: num tá 10 bem... 1 [Doc.: aí] 11</p>
	P2 P1	<p>1[porque] a pessoa que nunca usô(u) ele vai usÁ(r)... ela dá 12 tipo um apaga luz cê fica::... 13</p>
	P1 P2	<p>se pondo cê tá sentado você vai levantá(r) já dá aquele 14 branco... e se num tivê(r) ninguém ao seu lado é perigoso 15 cê caí(r) e metê(r) a cara igual eu já caí duas vezes já 16</p> <p>Doc.: machucô(u)? Inf.: AH machuquei uma vez 17 aqui assim um po(u)co assim na sobrancelha num 18 sei se é essa... ((inf. mostra a sobrancelha)) ou 19 essa que tem uma cicatriz... eu fui queimá(r) uma 20 no cachimbo c’o meu tio e saí... andan(d)o assim 21 óh ((inf. gesticula com a mão))... na hora que eu 22 fui sentá(r) assim na be(i)rada na:: no banquinho 23 na porta me deu um branco eu caí de cara (AC- 24 031; RO: L.187-205)</p>

Nesse exemplo, podem ser distinguidos quatro domínios, delimitados pelos quatro colchetes ao lado esquerdo do exemplo. O domínio 1 (linhas 1-24) compreende uma posição (linhas 1-3) e um suporte (linhas 4-24); a posição é introduzida pelo MD *bom*, e o suporte, pelo MD *porque*; nesse domínio, portanto, MDs são empregados segundo o padrão P1. O domínio 2 (linhas 4-24) estrutura-se em uma posição (linhas 4-7) seguida de dois suportes (linhas 8-11 e 12-24); a posição é introduzida por *porque*, e, dos dois suportes, apenas o segundo é introduzido por MD, no caso, o item *porque*; nesse domínio 2, portanto, empregam-se MDs segundo o padrão P2. O domínio 3 (linhas 12-24) é composto por uma posição (linhas 12-13) e um suporte (linhas 14-24),

sendo que os dois são introduzidos por MDs, respectivamente, *porque* e *se pondo*; assim, o uso de MDs aí segue o padrão P1. Finalmente, o domínio 4 (linhas 14-24) organiza-se em uma posição (linhas 14-16) acompanhada de um suporte (linhas 17-24); apenas a posição é introduzida por MD, a expressão *se pondo*; nesse caso, o uso de MDs segue, pois, o padrão P2. Assim, (10) é um SegT mínimo no qual, ao longo de diferentes domínios, manifestam-se diferentes padrões de uso de MDs – padrão P1, nos domínios 1 e 3, e padrão P2, nos domínios 2 e 4.

Em (10), também é possível observar que um mesmo MD pode atuar simultaneamente em dois domínios e pode, inclusive, contribuir com a estruturação intratópica de formas diferentes, vinculando-se a diferentes padrões, em cada um dos domínios em que atua. Trata-se de um aspecto típico do funcionamento de MDs. Considere-se, por exemplo, o MD *porque* na linha 4 do exemplo em (10). Em primeiro lugar, esse item atua no domínio 1, introduzindo o suporte que se estende da linha 4 à linha 24. No nível desse domínio, o MD *porque* é empregado no padrão P1, conforme explicado acima. Ao mesmo tempo, esse item participa da estruturação do domínio 2 (linhas 4-24), na medida em que acaba por delimitar o início de um segmento que irá funcionar aí como posição (linhas 4-7), contribuindo, pois, para se depreender as partes desse novo domínio. Nesse nível, *porque* enquadra-se no padrão P2, como visto acima. A propósito, essa característica do funcionamento de MDs evidencia, a nosso ver, que é mesmo em relação a domínios, e não ao SegT, que eles são usados, sendo, pois, no âmbito de domínios que se torna pertinente analisá-los.

Convém ressaltar que um domínio pode estruturar-se sem o uso de MDs. Essa é ainda outra estratégia de construção tópica, que, todavia, não é distinguida aqui como um terceiro padrão obviamente porque não envolve o uso de MDs. No entanto, conforme temos apurado com base em análises empíricas, esse caso não se mostra muito recorrente. Na grande maioria das vezes (em mais de 90% dos casos que analisamos), a construção dos domínios está ancorada no uso de MDs, mediante P1 ou P2, dado que indica um papel expressivo dos MDs na estruturação intratópica. Inclusive, a organização de um percentual significativo de domínios (em torno de 35% dos casos que verificamos) é totalmente ancorada no uso de MDs (padrão P1), o que também aponta para um papel de destaque do uso de MDs.

O emprego de diferentes padrões de uso de MDs em diferentes domínios de um mesmo SegT é um fato bastante significativo. Ele mostra que, no decorrer do SegT, há momentos em que os falantes apoiam mais e momentos em que apoiam menos a estruturação tópica no uso de MDs; em outras palavras, a relevância do uso de MDs pode variar

durante a construção do SegT, mais especificamente, pode variar entre um e outro domínio. Essa variação parece estar ligada, em última instância, à própria natureza do uso de MDs na estruturação tópica, à razão por que eles são utilizados.

A existência de domínios cuja estruturação não é marcada por nenhum MD e mesmo a existência do padrão P2 evidenciam a natureza não imprescindível do uso de MDs. Essa natureza opcional é, de forma similar, verificada por várias outras abordagens de MDs. Muitas consideram que isso ocorre porque os MDs têm uma função de facilitar o processamento (de determinado aspecto) do discurso, marcando-o parcialmente e não o deixando todo por conta da interpretação do ouvinte. Blakemore (2002), por exemplo, defende que os MDs indicam qual é a rota inferencial, dentre várias rotas possíveis, em que um novo enunciado deve ser interpretado, diminuindo o esforço de processamento cognitivo na busca da relevância desse enunciado.

No caso aqui da estruturação intratópica, verifica-se uma situação semelhante, que pode, assim, receber uma explicação correspondente em termos textual-interativos próprios. A natureza opcional do uso de MDs pode ser explicada considerando-se que eles têm uma função fundamental de *facilitar a interpretação da estrutura intratópica*. Ou seja, os falantes não chegam a marcar sempre todas as (sub)partes dos SegTs com MDs, pois isso seria desnecessário, mas também não deixam tudo sem marcação, já que isso representaria um esforço de processamento muito alto. Assim, os falantes alternam entre explicitar parte da estruturação (intra)tópica e deixar parte dela para depreensão por parte do próprio ouvinte, alternando, então, entre P1, P2 e a total ausência de MDs. E, nesse sentido, a interação dessas três possibilidades (P1, P2 e ausência de MDs) com a estruturação intratópica em domínios torna-se altamente estratégica, pois os falantes podem efetuar essa variação no grau de explicitação da estrutura intratópica através dos domínios que compõem o SegT, mudando o padrão de uso de MDs, ou o não uso, de um para outro domínio.

Em síntese, nesta seção, apresentamos uma rápida análise de MDs utilizando a noção de domínio de estruturação intratópica. A esse respeito, distinguimos dois padrões básicos de uso de MDs e abordamos algumas questões ligadas a eles. Mostramos que podem ser empregados diferentes padrões em diferentes domínios de um mesmo SegT, que um mesmo MD pode operar, simultaneamente, em dois domínios, e que o MD pode, inclusive, corresponder a diferentes padrões nos diferentes domínios em que atua ao mesmo tempo. Além disso, sugerimos que, em termos de estruturação interna de SegTs mínimos, os MDs teriam uma função essencial de facilitar o processamento dessa estrutura, o que

seria efetivado, dentre outras coisas, mediante a alternância de padrões de uso através de diferentes domínios de um SegT.

5 Considerações finais

Neste trabalho, circunscrito ao gênero textual Relato de Opinião, formulamos a noção de *domínio de estruturação intratópica* e procuramos mostrar que os MDs atuam em relação a esse tipo de unidade no que diz respeito ao processo de estruturação interna de SegTs mínimos. Nossa hipótese é que, considerando os mais diversos gêneros textuais, deve ser possível identificar uma série de diferentes regras gerais de estruturação interna de SegTs mínimos (a exemplo da relação posição-suporte, característica do gênero Relato de Opinião), que sempre (ou, pelo menos, na maioria das vezes) essas regras envolverão a formação de domínios, e que o uso de MDs deverá estar vinculado a esses domínios. Assim, a proposta que fazemos aqui é que, no plano da organização de SegTs mínimos em (sub)partes constituintes, os MDs sejam estudados tendo-se em vista a noção do domínio.

Nesse sentido, entendemos que o estudo do processo de estruturação interna de SegTs mínimos em diferentes gêneros textuais e a investigação da existência de regras gerais de estruturação constituem um vasto campo de pesquisa no âmbito da Gramática Textual-interativa. Trata-se de temas relevantes não apenas para a análise de MDs, mas também para a descrição do próprio processo mais amplo de construção textual.

Notas

1 Os dados analisados neste trabalho são extraídos do Banco de Dados IBORUNA (disponível em www.iboruna.ibilce.unesp.br).

2 Nos exemplos, destacamos as unidades de suporte de suas respectivas unidades de posição por um adentramento à direita.

Referências Bibliográficas

- BLAKEMORE, D. (2002). *Relevance and Linguistic Meaning: The Semantics and Pragmatics of Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GONÇALVES, S. C. L. (2007). *Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista): O português falado na região de São José do Rio Preto – constituição de um banco de dados anotado para o seu estudo*. São José do Rio Preto: UNESP (Relatório científico, FAPESP).

- JUBRAN, C. C. A. S. (2006). “Tópico Discursivo”. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs). *Gramática do português culto falado no Brasil – v.I: Construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 89-132.
- _____. (2007). “Uma gramática textual de orientação interacional”. In: CASTILHO, A. T.; MORAIS, M. A. T.; LOPES, R. E. V.; CYRINO, S. M. (Orgs.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas; São Paulo: Pontes; FAPESP, p. 313-327.
- JUBRAN, C. C. A. S. *et al.* (2002). “Organização tópica da conversação”. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado – v.II: Níveis de análise linguística*. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 341-420.
- JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (orgs). (2006). *Gramática do português culto falado no Brasil – v.I: Construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- KOCH, I. G. V. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- PENHAVEL, E. (2010). *Marcadores Discursivos e Articulação Tópica*. 168f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. (2006). “Traços definidores dos Marcadores Discursivos”. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs). *Gramática do português culto falado no Brasil – v.I: Construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 403-425.

Palavras-chave: Marcadores Discursivos, Tópico Discursivo, Gramática Textual-interativa.

Key-words: discourse markers, discourse topic, textual-interactive grammar.